

Qualidade e Políticas Públicas na Educação 6

Marcia Aparecida Alferes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Marcia Aparecida Alferes
(Organizadora)

Qualidade e Políticas Públicas na Educação

6

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

Q1 Qualidade e políticas públicas na educação 6 / Organizadora Marcia Aparecida Alferes. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Qualidade e Políticas Públicas na Educação; v. 6)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-013-1

DOI 10.22533/at.ed.131181912

1. Aprendizagem. 2. Educação e estado. 3. Prática pedagógica.
4. Professores – Formação. I. Alferes, Marcia Aparecida. II. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As práticas pedagógicas ou práticas docentes significam o trabalho que professores realizam com crianças, adolescentes, adultos e idosos, nas salas de aula ou em espaços pedagógicos diversos. Na prática o professor poderá assumir perspectivas bem diferentes daquelas que estão preconizadas na legislação educacional e naquilo que ele aprendeu em sua formação inicial.

A prática pedagógica envolve o conhecimento teórico das áreas disciplinares, mas vai além, como demonstram os artigos contidos neste volume. As práticas envolvem também a organização do espaço pedagógico, o planejamento das atividades que serão realizadas, a relação professor e alunos, alunos e alunos, a avaliação como meio de aprendizagem, o acompanhamento realizado por coordenadores pedagógicos junto aos professores.

Em se tratando da utilização de materiais pedagógicos, alguns artigos abordam que o jogo é o principal recurso no processo do desenvolvimento psicossocial do sujeito de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, a prática docente que tende a valorizar e a respeitar os conhecimentos elaborados pelo próprio aluno, efetiva-se mediante diferentes registros (desenhos, relatos, textos e cálculos), mediante a adoção de materiais didáticos diversificados (ábacos, material dourado, sólidos geométricos, embalagens, palitos de sorvete, tampinhas de garrafas, calculadora, computadores, entre outros).

Uma prática fundamentada no conhecimento teórico e alinhada com a utilização de recursos pedagógicos é de fundamental importância para a aprendizagem dos alunos desde que mediada pela ação docente.

Marcia Aparecida Alferes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A GESTÃO PEDAGÓGICA COM FOCO NA QUALIDADE DO ENSINO: CONSTRUINDO ESTRATÉGIAS DE AÇÃO FRENTE ÀS DIFICULDADES DA LEITURA – RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Maria das Graças da Silva Reis</i> <i>Lúcia Torres de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819121	
CAPÍTULO 2	14
A MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O EIXO DA GEOMETRIA	
<i>Leila Pessôa Da Costa</i> <i>Regina Maria Pavanello</i> <i>Sandra Regina D’Antonio Verrengia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819122	
CAPÍTULO 3	25
A PRÁTICA DO JORNAL ESCOLAR NO ENSINO SUPERIOR PARA O LETRAMENTO INFORMACIONAL DE FUTUROS EDUCADORES	
<i>Renata de Oliveira Sbrogio</i> <i>Maria da Graça Mello Magnoni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819123	
CAPÍTULO 4	40
ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO COMO FERRAMENTA PARA A PERMANÊNCIA E A CONCLUSÃO COM ÊXITO DOS ESTUDANTES DO CAMPUS PARNAMIRIM/IFRN	
<i>Vânia do Carmo Nóbile</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819124	
CAPÍTULO 5	58
ANÁLISE DE LITERATURA INFANTIL: PERSPECTIVAS PARA TRABALHO EM SALA	
<i>Bianca de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819125	
CAPÍTULO 6	66
AS DIFERENÇAS E A SALA DE AULA: DESAFIOS DO PROFESSOR	
<i>Anderson dos Reis Cerqueira</i> <i>Ualace Roberto de Jesus Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819127	
CAPÍTULO 7	73
AS HABILIDADES E COMPETÊNCIAS EM MATEMÁTICA DOS ALUNOS DE PRIMEIRA SÉRIE EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO RN	
<i>Elcio Correia de Souza Tavares</i> <i>Ângela Maria Ribeiro de Lima Farias</i> <i>Graziella Nonato Tobias Duarte</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819128	

CAPÍTULO 8 81

ATRIBUIÇÕES, DIFICULDADES E SATISFAÇÃO DE COORDENADORES PEDAGÓGICOS DE UM MUNICÍPIO CEARENSE

Gleíza Guerra de Assis Braga
Antonio Nilson Gomes Moreira
Glaucia Mirian de Oliveira Souza Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.1311819129

CAPÍTULO 9 94

BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM E ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA ANÁLISE DE IMAGENS E TEXTOS DA LITERATURA INFANTIL COMO POSSIBILIDADE DE PRÁTICA PEDAGÓGICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS EM ASTRONOMIA

Erica de Oliveira Gonçalves
Marinês Verônica Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.13118191210

CAPÍTULO 10 104

COMO CONTRIBUIR NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE POSITIVA DE CRIANÇAS NEGRAS ENQUANTO EDUCADOR BRANCO

Thais Stefani Donato Lima
Kênia Kemp

DOI 10.22533/at.ed.13118191211

CAPÍTULO 11 121

CRIANÇAS DA NOVA ERA - UMA VISÃO DA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA EDUCAÇÃO

Irani Campos Marchiori
Virgínia de Mauro Faccio Gonçalves Dias

DOI 10.22533/at.ed.13118191212

CAPÍTULO 12 131

CURRÍCULO E PLANEJAMENTO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Darlan Daniel Marcelino de Campos Pereira
Fabiana Meireles de Oliveira
Fatima Ramalho Lefone
José Aluísio Vieira
Mirian Nere
Rodrigo Leite da Silva

DOI 10.22533/at.ed.13118191213

CAPÍTULO 13 135

DIVERSIDADE ÉTNICA BRASILEIRA: COMUNIDADE RIBEIRINHA ROSA DE SARON, AM

Germana Ponce de Leon Ramírez
Ariana Dias Machado Tavares Alves
Suellen Contri Mazzo
Vanessa Pires Rocha Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.13118191214

CAPÍTULO 14 145

ESTRATEGIAS PEDAGÓGICAS PARA A SUPERAÇÃO DO ANALFABETISMO FUNCIONAL

Veruska Ribeiro Machado
Rosa Amélia Pereira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.13118191215

CAPÍTULO 15	163
EXERCÍCIO DOCENTE NA PRISÃO POR PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE SÃO PAULO: FORMAÇÃO E CONDIÇÕES DE TRABALHO	
<i>Andressa Baldini da Silva</i> <i>Marieta Gouvêa de Oliveira Penna</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191216	
CAPÍTULO 16	175
INTERDISCIPLINARIDADE: UMA EXPERIÊNCIA NO CURSO PROEJA DE TÉCNICO EM EDIFICAÇÕES	
<i>Láisse Silva Lemos</i> <i>Carmencita Ferreira Silva Assis</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191217	
CAPÍTULO 17	183
INTERFACE ENTRE SAÚDE E EDUCAÇÃO: OPORTUNIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO	
<i>Edson Manoel dos Santos</i> <i>Ana Paula Pacheco Moraes Maturana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191218	
CAPÍTULO 18	198
JOGO: POSSIBILIDADES DE DESENVOLVER AÇÕES AFIRMATIVAS NO ATO DE ENSINAR	
<i>Isabela Natal Milak</i> <i>Sonia Regina Silveira Gonçalves</i> <i>Vidalcir Ortigara</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191219	
CAPÍTULO 19	213
MATERIAIS ACESSÍVEIS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS: PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS	
<i>Danielle Rodrigues Monteiro da Costa</i> <i>Airton dos Reis Pereira</i> <i>Mirian Rosa Pereira</i> <i>Elzonete Silva Cunha</i> <i>Odinete Dias Vieira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191220	
CAPÍTULO 20	222
O LADO COLORIDO DA PROGRESSÃO CONTINUADA	
<i>Vicente de Paulo Morais Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191221	
CAPÍTULO 21	233
O QUE DEVE SER MUDADO NA NOSSA DIDÁTICA PARA ATENDER O ALUNO ATUAL DA ESCOLA?	
<i>Cilmara Cristina Rodrigues Mayoral Brunatti</i> <i>Alessandra de Moraes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191222	
CAPÍTULO 22	240
O TRABALHO DOCENTE DIANTE DAS ADVERSIDADES: A (IN)DISCIPLINA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Liane Nair Much</i> <i>Weliton Martins da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191223	

CAPÍTULO 23	249
O USO DE JOGOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA: UM PANORAMA DAS PESQUISAS BRASILEIRAS	
<i>Talita Silva Perussi Vasconcellos</i> <i>Rosimeire Maria Orlando</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191224	
CAPÍTULO 24	259
PARCERIA DO FONOAUDIÓLOGO NO PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DO PROFESSOR DO ALUNO SURDO	
<i>Ana Claudia Tenor</i> <i>Débora Deliberato</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191225	
CAPÍTULO 25	273
PRÁTICA PEDAGÓGICA: IMPORTÂNCIA MICROBIOLÓGICA DA HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS	
<i>Wellington Alves Piza</i> <i>Camila Maria De Souza Silva</i> <i>Rafaela Franco Dias Bruzadelli</i> <i>Leticia Marques Ruzzi</i> <i>Gabriella Ramos de Menezes Flores</i> <i>Poliana de Faria Cardoso</i> <i>Talita Amparo Tranches Candido</i> <i>Caroline de Souza Almeida</i> <i>Ingridy Simone Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191226	
CAPÍTULO 26	277
PRECONCEITO E LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: O QUE SINALIZAM ADULTOS SURDOS SENDO ESCOLARIZADOS	
<i>Giselly dos Santos Peregrino</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191227	
CAPÍTULO 27	286
PROCESSOS DE LEITURA EM ESCOLARES: AVALIAÇÃO EM UM CENTRO ESPECIALIZADO EM REABILITAÇÃO CER II/UNESC	
<i>Ana Júlia Rosa</i> <i>Lisiane Tuon</i> <i>Angela Cristina Di Palma Back</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191228	
CAPÍTULO 28	295
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES SOBRE ESCOLA ESPECIAL E ESCOLA REGULAR	
<i>Juliana Gisele da Silva Nalle</i> <i>Claudionei Nalle Jr</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191229	
CAPÍTULO 29	303
SENSIBILIZAR PARA EDUCAR: TRABALHANDO A SENSIBILIZAÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
<i>Paulo Ivo Silva de Medeiros</i> <i>Maria Luisa Quinino de Medeiros</i> <i>Leandro dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191230	

CAPÍTULO 30	314
TIPOLOGIA DE ERROS ORTOGRÁFICOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
<i>Marília Piazzini Seno</i>	
<i>Thaís Contiero Chiaramonte</i>	
<i>Simone Aparecida Capellini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191231	
CAPÍTULO 31	321
UM EXERCÍCIO DE TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA NO CAMPO DE LETRAS/INGLÊS: CONDUÇÃO E DESDOBRAMENTOS FORMATIVOS	
<i>Vivian Mendes Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191232	
CAPÍTULO 32	328
UMA PROPOSTA DE ENSINO DO HANDEBOL PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA	
<i>Isabella Blanche Gonçalves Brasil</i>	
<i>Eliane Isabel Julião Fabri</i>	
<i>Talita Fabiana Roque da Silva</i>	
<i>Lilian Aparecida Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191233	
CAPÍTULO 33	338
UMA REFLEXÃO ACERCA DO ENSINO SOBRE OS POVOS INDÍGENAS E A PRÁXIS DOCENTE NÃO INDÍGENA	
<i>Vivian Cristina Balan Fiuza</i>	
<i>Germana Ponce de Leon Ramirez</i>	
<i>Isabella Loreto Viva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191234	
CAPÍTULO 34	348
HISTÓRIA, POLÍTICA E EDUCAÇÃO NO CINEMA DE BERNARDO BERTOLUCCI	
<i>José de Sousa Miguel Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191235	
CAPÍTULO 35	357
O ENSINO DE TEATRO NOS INSTITUTOS FEDERAIS: A METADRAMATURGIA COMO ELEMENTO DE EXPLORAÇÃO DA LINGUAGEM	
<i>Rebeka Carocha Seixas</i>	
<i>Maria Eduarda Oliveira Félix da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191236	
SOBRE A ORGANIZADORA	364

O TRABALHO DOCENTE DIANTE DAS ADVERSIDADES: A (IN) DISCIPLINA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Liane Nair Much

UFSM – Programa de Pós-Graduação em
Educação – Doutorado
Santa Maria - RS

Weliton Martins da Silva

UFSM – Programa de Pós-Graduação em
Educação – Doutorado
Santa Maria - RS

RESUMO: Com a consolidação da globalização, uma série de mudanças marcaram o início do século XXI, inclusive na área da educação. Várias pesquisas, eventos nacionais e internacionais tem buscado compreender o que acontece com a “educação”. A facilidade de acesso aos pensamentos e teorias desenvolvidas por pesquisadores, escritores e professores tem contribuído para melhorar a qualidade da educação. Mas, ao mesmo tempo, a escola e a família parecem perder o poder e o espaço que antes detiveram na formação do indivíduo. O presente trabalho de pesquisa que tem por objetivo compreender os fatores que desencadeiam a indisciplina no contexto escolar, para buscar alternativas que possam resgatar a disciplina na acepção real da palavra como instrumento que corrobora com uma educação consciente e cidadã. Para a coleta de informações foram entrevistados 50 alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Por

meio de entrevista semi-estruturada buscamos compreender o contexto social onde estas crianças estavam inseridas, as dificuldades que encontravam na escola, e ainda seus interesses e motivações para estudar. Pois acreditamos que a escola deva funcionar por meio de critérios adequados à participação e ao diálogo entre os alunos e destes com os professores, onde o problema deve ser contextualizado, analisando suas causas e favorecendo ações alternativas de solução aos conflitos. A conquista da cidadania e de uma escola de qualidade é o que almejam os profissionais da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Estudantes. Professores. (In)disciplina.

ABSTRACT: With the consolidation of globalization, a series of changes marked the beginning of the 21st century, including in the area of education. Several researches, national and international events have sought to understand what happens to “education”. The ease of access to the thoughts and theories developed by researchers, writers and teachers has contributed to improving the quality of education. But at the same time, school and family seem to lose the power and space they once held in the formation of the individual. This research aims to understand the factors that trigger the indiscipline in the school context, to find alternatives that can rescue the discipline

in the real meaning of the word as an instrument that corroborates with a conscious and citizen education. Fifty students from the Initial Years of Elementary School were interviewed to collect information. Through a semi-structured interview we sought to understand the social context where these children were inserted, the difficulties they encountered in school, and their interests and motivations to study. For we believe that the school should function by means of adequate criteria for participation and dialogue between students and teachers and students, where the problem must be contextualized, analyzing its causes and favoring alternative actions to solve conflicts. The achievement of citizenship and a quality school is what education professionals aim for.

KEYWORDS: Students. Teachers. (In)discipline.

1 | INTRODUÇÃO

Diante dos desafios enfrentados pelos professores, sem dúvida, a Indisciplina é um assunto que a cada dia tem preocupado mais os profissionais da educação, tanto das escolas públicas, como das privadas. Para encontrar estratégias que possibilitem compreender e superar este desafio contemporâneo faz-se necessário que os docentes se apropriem de conhecimentos teóricos sobre a temática e também reflitam sobre suas práticas, pois a questão da indisciplina escolar, é muito complexa e as percepções em relação ao assunto são muito variadas e atingem um imenso número de fatores e indivíduos envolvidos nesse contexto. Para alguns professores, por exemplo, as conversas em sala de aula entre alunos, enquanto o docente está desenvolvendo sua aula, é considerada atitude de indisciplina, enquanto que para outros professores, essa atitude dos alunos não é vista como um ato indisciplinar.

A questão da “Indisciplina Escolar” envolve diferentes sujeitos no processo educacional, muitas vezes banalizado pela sociedade. Assim, buscar compreender os fatores relacionados ao tema é de grande importância no cotidiano escolar. Como este assunto é bastante amplo e complexo, delimitamos neste trabalho compreender os motivos que levam alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental a determinados comportamentos no ambiente escolar, para assim, encontrar alternativas que possam superar este problema que atualmente atinge nossas escolas.

Este estudo foi realizado em uma escola da rede pública estadual do Rio Grande do Sul, localizada na periferia de São Borja/RS. A escola oferece o Ensino Fundamental completo à comunidade local. Nos últimos anos constatamos o desinteresse dos alunos pelas aprendizagens, diagnosticado pelo baixo rendimento escolar, e pelo alto índice de indisciplina principalmente nos anos iniciais. Encontramos crianças de seis anos de idade, desrespeitando docentes e as normas básicas de convivência, construídas por eles mesmos, em sala de aula com os seus professores. Levando em consideração este problema que não é apenas desta comunidade escolar, propomos

o presente trabalho de pesquisa que tem por objetivo “compreender os fatores que desencadeiam a indisciplina no contexto escolar”, para assim pensar alternativas que possam resgatar a disciplina consciente e cidadã.

O presente estudo, trata-se, de uma pesquisa qualitativa em educação, tendo em vista que não pretendemos ficar apenas na quantificação dos dados coletados, pois estamos nos referindo a seres humanos, com sentimentos, desejos, anseios, dúvidas. E estas subjetividades interferem nas ações e atitudes dos sujeitos pesquisados. Serão analisadas as informações coletadas de um universo de 50 alunos, escolhidos aleatoriamente das cinco turmas de Anos Iniciais do Ensino Fundamental, da escola supracitada. Estas informações serão interpretadas de acordo com o referencial teórico de alguns pesquisadores que têm dedicado estudos sobre o tema com Içami Tiba (2006), Vasconcelos (1997) e Poletti (2002).

2 | (IN)DISCIPLINA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A aprendizagem é um processo contínuo. Assim, todos nós, estamos em constante processo de aprendizagem ao longo da vida. Esta ocorre desde o nascimento até a morte, cada fase da vida requer novas adaptações, e conseqüentemente novas aprendizagens. Ao viver em sociedade, as pessoas vão se transformando, se educando e buscam tornarem-se cidadãos. Para isso é necessário que cada indivíduo conheça e lute por seus direitos, mas que também tenha consciência de suas obrigações e de seus deveres. Sendo a educação um processo básico para todos os indivíduos, ela possui a especificidade de formar cidadãos por meio de diferentes conteúdos (ideias, teorias, valores) que irão interferir decisivamente em sua vivência social.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96, a escola é uma instituição formal que tem por finalidade a preparação do educando para o exercício da cidadania. A função da escola é facilitar a inserção do indivíduo no mundo social. Este deve aprender as formas de conduta social, os rituais e as técnicas para sobreviver. Porém, quando os deveres e as normas não são cumpridos, ocasiona o fenômeno desgastante conhecido como INDISCIPLINA.

De acordo com o dicionário Aurélio, a palavra “disciplina” significa: “Regime de ordem imposta ou livremente consentida; Ordem que convém ao funcionamento regular duma organização (militar, escolar, etc.); Relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor; Observância de preceitos ou normas; Submissão a um regulamento”. Porém, o conceito de indisciplina, é mais complexo, ele refere-se ao “Procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência; desordem; rebelião”.

Na escola, a indisciplina se apresenta como o descumprimento das normas fixadas pela instituição e pelas demais legislações aplicadas. A Indisciplina se traduz num desrespeito, seja do colega, seja do professor, ou ainda da própria instituição escolar (deprecação das instalações, por exemplo). Para o psiquiatra e psicodramatista Içami

Tiba “(...) disciplina é o conjunto de regras éticas utilizadas para atingir um objetivo ou um resultado com menos percurso e em menos tempo. (...) A ética é entendida, aqui, como o critério qualitativo do comportamento humano que envolve e preserva o respeito ao bem estar biopsicossocial” (2006, p.193).

No cotidiano da escola, percebemos, que, de seus direitos o aluno-cidadão tem consciência, mas, dos seus deveres, do respeito ao conjunto mínimo de normas de relações interpessoais, nem sempre, este, se mostra interessado. E daí, surge à indisciplina, como uma negação a disciplina. Ela se mostra prejudicial, porque sem disciplina há poucas chances de se efetivar a qualidade no processo ensino/aprendizagem. E a disciplina em sala de aula pode ser percebida por meio de mínimos gestos de boa educação (possuir alguns modos de comportamento que permitam um convívio pacífico).

Em muitas situações, um mesmo ato pode ser considerado como de indisciplina ou ato infracional, dependendo do contexto em que foi praticado. Uma ofensa verbal dirigida ao professor, pode ser caracterizada como ato de indisciplina. Dependendo do tipo de ofensa e da forma como foi dirigida, pode ser caracterizada como ato infracional (ameaça injúria ou difamação). O ato infracional é perfeitamente identificável na legislação vigente, enquanto que o ato indisciplinar deve ser regulamentado, nas normas que regem a escola, constando no Regimento Escolar.

As escolas públicas possuem Regimentos Internos próprios, que devem ser de conhecimento da comunidade escolar, e preferencialmente construídos por todos os seus segmentos. Neste documento interno devem estar contemplados os direitos e os deveres referentes ao corpo discente, docente e demais servidores. O texto deve ser redigido de maneira clara e objetiva para que se possa exigir o seu cumprimento. O ato indisciplinar nasce do descumprimento destas normas regimentais e das leis penais vigentes. Dependendo do tipo de conduta que o aluno apresentar, poderá ser caracterizada como ato de indisciplina ou um ato infracional, cada um com consequências próprias. Para Vasconcelos (1997), as questões indisciplinares ocupam um espaço cada vez maior no cotidiano escolar no país e a grande insatisfação decorrente dessas questões tem constituído em causa de abandono e de doenças, principalmente nervosas, do quadro do magistério.

O que podemos perceber, é que muitas vezes, a falta de limites, na educação familiar por pais tolerantes, favorece consequências desastrosas, criando crianças indisciplinadas, agressivas, insolentes, rebeldes, vivem sempre em conflitos internos, demonstram insegurança em tudo que realizam, crescem vivenciando sentimentos como o egoísmo e a intolerância, acreditando que as pessoas que os rodeiam, estarão a sua disposição para satisfazer suas necessidades. Para Içami Tiba “um dos mais importantes motivos para os pais tentarem delegar a educação dos filhos à escola é preferirem omitir-se do que errar com os filhos” (2006, p. 193).

Diante do exposto, compreendemos que a firmeza dos pais torna-se proteção contra o domínio do capricho e ainda fonte de bem estar, tendo em vista que irá

permitir aos filhos quando jovens conscientizarem-se de suas tendências, de conhecer a si mesmo e aos outros, e por meio do progresso intelectual e equilíbrio emocional consciente, compreenderão o significado da palavra responsabilidade. A interiorização das boas condutas não acontece por si só, exige dos pais a autoridade equilibrada, saber dizer “sim” e “não” nos momentos certos, explicando aos filhos os motivos que os levaram a tomar determinada atitude. Vale ressaltar que é conveniente dar oportunidade nas circunstâncias oportunas para os filhos expressarem seus aborrecimentos contra eventuais injustiças e incompreensões do dia-a-dia.

As situações de indisciplina podem estar relacionadas a diferentes fatores. Como por exemplo: sociedade, família, escola, professor e aluno. Para preveni-las ou remedia-las, é importante investigar quais são as causas da indisciplina na sala de aula e onde elas surgiram, para então, buscar construir alternativas para lidar com o problema. A partir de leituras realizadas, pode-se verificar a existência de duas formas de se conseguir a disciplina: uma delas por coação, resultado de uma educação autoritária; outra por convicção, esta numa linha de educação dialético-libertadora, voltada para a reflexão. Ambas, apresentam aparentemente os mesmos resultados, mas as marcas que são deixadas nos sujeitos são completamente distintas.

Conseguir disciplina por meio da coação contribui para a formação de indivíduos passivos, obedientes, dependentes, imaturos e que não compreendem o contexto social no qual estão inseridos. Já a disciplina construída por convicção, auxilia para formar sujeitos ativos, autônomos, responsáveis e que tem no diálogo a base de seu desenvolvimento. Mas para conseguirmos construir uma disciplina por convicção, devemos inicialmente investigar quais são as causas da indisciplina na sala de aula. Precisamos conhecer a realidade na qual esses sujeitos estão inseridos, bem como estabelecer um diálogo permanente com suas famílias e com a própria coordenação pedagógica da escola.

Sobre o acompanhamento da coordenação pedagógica no cotidiano da sala de aula, o mesmo deve acontecer no sentido de ajuda, de orientação e não para que o coordenador, supervisor, diretor, resolva os problemas de indisciplina para o professor. Pois isso tiraria a autoridade deste profissional diante de sua turma de alunos.

Segundo Vasconcellos (2004, p.76):

Tem havido uma certa confusão em relação ao trabalho do professor: como se constatou que é muito complexo, começou-se a repartir com outros profissionais, ao invés destes profissionais (orientadores, supervisores, etc.) estarem trabalhando junto ao professor para melhor capacitá-lo, já que, ao nosso ver, é ele que deve enfrentar os conflitos e não cair no jogo dos “encaminhamentos”. O espaço de reunião é privilegiado para esta interajuda entre os profissionais

Para atingirmos nossos objetivos não podemos desconsiderar a relação afetiva entre os envolvidos no processo educacional. E isto não significa aceitar tudo o que os alunos fazem ou querem, é importante estabelecer conjuntamente limites para o bom desenvolvimento das aulas. E caso esses limites não sejam respeitados, é

importante cumprir o que já havia sido combinado com a turma. O professor, não deve recorrer ao condicionamento baseado no prêmio-castigo, e sim assumir ações educativas apropriadas, investigando suas causas e, por meio do diálogo, buscar resolver o conflito, seja durante a aula, seja conversando com o estudante após a aula, e em casos extremos, levar ao conhecimento da equipe pedagógica da escolar, solicitando que estes chamem os responsáveis pelo aluno, para reunião, onde em conjunto (professor, aluno e família) possam resolver o problema de indisciplina.

3 | FATORES QUE INTERFEREM NA (IN)DISCIPLINA ESCOLAR: CONSTRUINDO E ANALISANDO DADOS EMPÍRICOS

Este estudo possui como base de informações a pesquisa qualitativa, no entanto, deve se levar em consideração que estamos nos referindo a indivíduos, com sentimentos, desejos, anseios, dúvidas. Portanto para não ficarmos apenas na quantificação dos dados coletados, faz-se necessária a pesquisa qualitativa, por meio da qual possamos levantar dados subjetivos que nos levam a compreender as causas de determinadas atitudes e ações.

Para a coleta dos dados necessários ao desenvolvimento desta pesquisa foram entrevistados 50 alunos dos cinco primeiros anos (1º ao 5º Anos) do Ensino Fundamental, e para melhor organizar o trabalho, foram escolhidas 10 crianças de cada série aleatoriamente, de uma escola de periferia de São Borja, RS. Por meio de um roteiro de entrevista semi-estruturado foi possível coletar dados significativos para conhecer o cotidiano escolar destas crianças, perceber suas visões sobre a escola e aprendizagem, bem como a participação das famílias na vida escolar destes educandos.

Com exceção das crianças do Primeiro Ano do Ensino Fundamental, as demais já estudam a mais de dois anos na escola. São filhos de famílias de baixo poder aquisitivo. Dos entrevistados, 80% possuem o auxílio governamental “Bolsa Família”, e frequentam a escola também em virtude deste dinheiro, caso contrário o índice de infrequência destas crianças seria maior ainda.

Ao questioná-los sobre “Quais dificuldades encontram no processo ensino aprendizagem?”, as respostas foram as mais variadas conforme citado: “tenho dificuldade de aprender as coisas”; “não vejo dificuldade em nada”; “de estudar, aprender a ler e a escrever”; “tenho dificuldade de prestar atenção”; “tenho dificuldade de fazer as coisas que a professora pede”; “não entendo por que tenho que aprender isso”. E dez alunos afirmam sentir dificuldades em compreender as noções matemáticas (alunos de 3º e 4º ano).

Em relação as suas atitudes em sala de aula as crianças afirmaram que muitos dos seus comportamentos estavam errados (40%), que às vezes teimam com a professora (8%), que conversam durante as atividades (50%); porque eu não respeito (2%). Ao

refletirem sobre as atitudes dos colegas em sala de aula, afirmaram que estes também se comportam de maneira inadequada, atrapalhando o desenvolvimento das aulas.

Para mudar a perspectiva em relação à indisciplina, é imprescindível que a escola se responsabilize cotidianamente para garantir um ambiente de cooperação, em que o valor humano, o respeito, a dignidade e a integridade sejam significativas e marquem positivamente as relações. Essa conquista pode ocorrer por meio de um percurso de formação continuada para toda a equipe de profissionais que trabalha na escola, desde que isso parta das necessidades e anseios do grupo. Ao mesmo tempo, é preciso ter em mente que conflitos sempre vão ocorrer e não é possível esperar o fim de uma formação para resolvê-los. É necessário afirmar que o mais importante é diagnosticar e tratar a causa do conflito e não apenas atribuir culpa e impor punições. Pouco importa quem começou uma discussão. O fundamental é analisar o que levou as pessoas a ter dificuldade de negociar soluções justas e respeitadas.

Buscando conhecer a realidade e os interesses dessas crianças no que se refere à escola, elas foram questionadas sobre o que lhes motivava a estudar. As respostas demonstraram sinceridade e a inocência destes pequeninos, afirmando que: conversando com a professora (10%); passar de ano (30%); leituras (10%); a mãe fica feliz se eu estudar (10%); fazer os trabalhos (12%); escrevendo (6%); ler e aprender com a professora (20%); eu tenho vontade de aprender conta de dividir (2%).

O desafio para o educador é coordenar o ensino de conceitos e proporcionar um ambiente efetivo de aprendizagem. Neste contexto os educadores têm enfrentado o problema da ausência de motivação nos alunos para a aprendizagem. Para motivar alunos é imprescindível analisar as formas de pensar no que se refere ao ensinar e ao aprender, para assim, desenvolver estratégias de ensino que partam das suas condições reais, inserindo-os no processo histórico como agentes. Os educandos devem sentir-se estimulados a aplicar seus esquemas cognitivos e a refletir sobre suas próprias percepções nos processos educacionais, de modo que avancem em seus conhecimentos e em suas formas de pensar e perceber a realidade. Devemos ir além do cognitivo, precisamos avaliar a afetividade, pois à medida que o educando adere às propostas feitas, teremos, certamente, uma mudança de comportamento, o que pressupõe aprendizagem.

Em relação à vida cotidiana, 80% das crianças afirmam que ajudam nas tarefas domésticas, citando as atividades como: varrer a casa, lavar a louça, passar pano na casa, organizar os calçados e roupas. E um universo de 20% afirma que não trabalham em casa, apenas brincam e fazem os temas. Ao serem indagados sobre seu comportamento em casa, afirmaram que caso não obedecerem aos pais, apanham (40%), ficam de castigo (20%); minha mãe não deixa assistir TV (16%), eu sempre obedeco (6%); me ralha (4%); minha mãe não faz nada (8%), bota no serviço (6%).

Quando o limite é apresentado com afeto, a criança o aceita mais facilmente. Sem dúvida, não é um trabalho fácil, mas geralmente funciona. Além da família, cabe à escola este papel. Afinal, os educadores continuam a deter parte considerável da

responsabilidade pela formação da criança. A Escola não tem condições de suprir todas as carências existentes (familiares, econômicas, sociais e culturais) na formação educacional dos seus alunos, porém deve oportunizar formação contínua aos seus professores, não apenas no que se refere a práticas pedagógicas, mas também temas transversais, que possam auxiliar os professores na resolução de conflitos em sala de aula. Todavia, deve-se compreender que o papel da família também é imprescindível no processo ensino-aprendizagem.

Em relação ao incentivo dos pais aos estudos, as opiniões foram semelhantes, disseram que os pais mandam fazer o tema (14%), meu pai fala e eu escrevo (4%); a minha mãe me pergunta (2%); minha mãe me ajuda (10%); conversa (4%); eu vou à escola porque eu quero (6%), está na hora de fazer os temas (12%), me ajudam a ler (8%); não faltar aula e ler (6%); me mandam eu ler (8%); é para eu ir para a escola (4%); ela pergunta se eu tenho tema (4%); às vezes o irmão ajuda a fazer os temas (6%); obrigam a fazer os temas (8%); eu faço os temas sempre (4%).

Quando a criança percebe o êxito no que faz começa a confiar em sua potencialidade. E quanto mais acredita que pode fazer, mais consegue. Para isso, é fundamental que pais e professores estabeleçam metas realistas e adequadas à idade de seu filho/aluno, oportunizando situações para que as crianças se desenvolvam sem superprotegê-las ou sem pressioná-las, nem compará-las com outras crianças. Assim, elas poderão construir um conceito positivo de si mesmas. E para estimulá-las a acreditarem em seu potencial, frases de incentivo como “você pode, você é capaz”, “vamos, vou te ajudar” tem grande valor.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indisciplina e a agressividade apresentam-se hoje, como um dos grandes desafios à atividade docente, representando obstáculos ao trabalho pedagógico e conseqüentemente, à relação de ensino e aprendizagem. Ela é consequência da ausência da clareza de regras e limites por parte da criança, muitas vezes não ensinadas e apreendidas dos pais ou educadores. Sendo considerado um problema pelo ambiente escolar, é um grande desafio aos objetivos educacionais, pela não organização e normalização das atividades e relações em sala de aula para que a aprendizagem dos conteúdos curriculares se efetive. Assim, a indisciplina pode ser um fator que dificulta o desenvolvimento do trabalho pedagógico em relação à qualidade de ensino, abalando o desempenho tanto dos estudantes, quanto dos docentes.

No mundo globalizado, é importante frisar que o professor não gerencia conhecimento, e nem deve simplesmente repassar informações, para que cada aluno as aproveite segundo sua capacidade de aprender, de interpretar dados e informações e consiga transformá-los em conhecimentos. É função do professor então, segundo Poletti (2002), manter o aluno curioso. Para isso é fundamental, motivar o aluno, mantê-lo interessado, pois ensinar é muito mais que transferir conhecimentos e informações.

A gestão do conhecimento é individual, é própria, e depende dos interesses de cada indivíduo. O professor é importante, não como figura central, detentor do conhecimento, mas como coordenador do processo educativo, criando espaços pedagógicos interessantes, estimulantes e desafiadores, para que neles ocorra a construção de um conhecimento escolar significativo para o aluno.

Para que isso aconteça é importante que o educador reflita sobre suas atitudes e funções; planeje as aulas cuidadosamente em todos os seus momentos, com intuito de promover a concentração; cativo os alunos para a sua disciplina; observe atentamente cada aluno; favoreça o desenvolvimento da autoconfiança; fomente o respeito mútuo entre os alunos, e entre os alunos e o professor; discuta com os alunos o regulamento da turma, respeitando-o e se fazendo respeitado pelo exemplo. Resgate, juntamente com seus alunos, o papel de autores que elaboram, escrevem e constroem suas próprias histórias. O professor não pode esquecer que, antes de qualquer coisa é um agente cultural, um pesquisador e um eterno aprendiz.

Os professores não têm recebido formação inicial que lhes permita administrar e resolver de forma eficiente os conflitos que porventura venham a ocorrer nos seus locais de trabalho. E para suprir essa carência, faz-se necessário que a formação continuada oferecida nas escolas possa proporcionar momentos de reflexão e aprendizagens para a resolução de problemas cotidianos na escola.

Cabe também à escola estabelecer regras de maneira coerente, prevenindo tratamento desigual e trabalhando os conflitos surgidos. Precisamos entender que a construção da disciplina é tarefa de todos: pais, alunos, professores e a comunidade, por meio de um planejamento participativo, que tenha a ação de todos, de forma ética. Lembrando que este é um processo que se constrói de forma gradativa e necessita de acompanhamento. Afinal, o grande desafio da sociedade contemporânea é a educação. E como já afirmava o Mestre Paulo Freire *“Se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”* (2000, p.67).

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

POLETTI, André. **O professor e a gestão do conhecimento**. Profissão mestre, São Paulo, p. 22-23, set. 2002.

TIBA, Içami. **Disciplina – Limite na medida certa**: novos paradigmas. 73ª edição. São Paulo: Integrare, 2006.

VASCONCELOS, Celso dos S. **Os desafios da Indisciplina em sala de aula e na escola**. Publicação: Série Idéias n.28. São Paulo: FDE, 1997;

_____. **(IN)Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 15 ed. São Paulo: Libertad Editora, 2004.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-013-1

